

CULTURA SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

CULTURE UNDER A HISTORICAL-CULTURAL PERSPECTIVE: FIRST APPROACHES

Renata de Almeida Vieira¹

RESUMO: Este artigo é originário de estudo desenvolvido em um curso de Pós-graduação *lato sensu* em Teoria Histórico-Cultural, oferecido pela Universidade Estadual de Maringá-UEM. Trata-se de uma investigação, em primeira aproximação, a respeito do significado de cultura de acordo com os postulados da Teoria Histórico-Cultural. O nosso objetivo é apresentar, a partir de teorizações de Alexis N. Leontiev, elementos que explicitam o significado de cultura à luz da perspectiva Histórico-Cultural, a fim de apontar elementos que contribuam para reflexão acerca do que estamos vivenciando e discutindo atualmente em termos de diferenças culturais. O texto que ora segue está organizado em quatro partes. Em um primeiro momento apresentamos o significado de cultura segundo uma das definições corrente no cotidiano, bem como a sua definição trazida pelo léxico e por autores contemporâneos. Na seqüência trazemos o significado de cultura com base na Teoria Histórico-Cultural. Apresentamos, ainda, em um terceiro momento, uma questão fundamental que se faz presente no processo de apropriação-objetivação da cultura, isto é, “o quê” do legado cultural humano cada indivíduo se apropria ao longo de sua vida. Tecemos, enfim, na última parte do texto, as nossas considerações.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Teoria Histórico-Cultural. Formação humana.

ABSTRACT: This paper derives from a study developed in a Masters Degree *lato sensu* course focusing the *Historical-Cultural Theory*, which was offered by the State University of Maringá-UEM. It is an investigation, in first approach, regarding the meaning of ‘culture’, according to what is postulated by the Historical-Cultural Theory. The aim of the study is to present the elements that make explicit the meaning of ‘culture’, on the light of the Historical-Cultural Perspective and based on Alexis N. Leontiev’s theories, in order to point out the elements that contribute to reflections concerning what the modern society seems to be living and discussing in terms of cultural differences. The text is organized in four different parts. In a first moment, a current meaning of *culture*, together with the lexicon definition, by contemporary authors, is presented. Following, the cultural meaning, based on the Historical-Cultural Theory is emphasized. In addition, in a third moment, a fundamental issue is presented; such an issue is present in the process of *appropriation-objectivity* of culture, that is, ‘the something’ of the human cultural legacy, which each

¹ Pós-graduanda do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Endereço eletrônico: realvieira@gmail.com

individual appropriates along his own lifespan. Finally, in the last part of the text the final considerations are presented.

KEYWORDS: Culture. Historical-cultural theory. Human formation.

1 Cultura, o que é?

O termo cultura, de uso corrente em nosso cotidiano, é originário do étimo latino “[...] *colere*, que tem o sentido de ‘cultivar’, ‘criar’, ‘tomar conta’ e ‘cuidar’” (CHAUÍ, 2005, p. 245, grifo do autor). Tal termo, segundo Chauí (2005), possui dois significados iniciais, os quais valem ser aqui trazidos, a fim de marcar que não se tratam de uma invenção recente dos indivíduos de nossa época, mas atravessa os tempos.

De acordo com Chauí (2005, p. 245 e 246, grifo do autor),

1. [...] cultura significava, na Antiguidade romana, o cuidado do homem com a natureza – donde *agricultura*. Tinha o sentido também de “cuidado dos homens com os deuses” – donde a palavra *culto* para se referir aos ritos religiosos –, e o de “cuidado com a alma e corpo das crianças”, com sua educação e formação – donde a palavra *puericultura* (em latim, *puer* significa “menino” e *puera*, “menina”).

[...]

2. A partir do século XVIII, cultura passa a significar os *resultados* e as *conseqüências* daquela formação ou educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, as ações e instituições: as técnicas e os ofícios, as artes, a religião, as ciências, a filosofia, a vida moral e a vida política ou o Estado. Torna-se sinônimo de **civilização** porque os pensadores julgavam que os resultados da formação-educação se manifestam com maior clareza e nitidez nas formas de organização da vida social e política ou na **vida civil**.

Na atualidade, notamos, em nosso dia-a-dia, que o termo cultura encontra-se bastante disseminado, sendo empregado nas mais diferentes situações. Notamos, também, ser comum as pessoas aludirem ao termo cultura como sinônimo de pessoa culta, de pessoa “[...] que ‘cultiva’ (no sentido de desenvolver, praticar, cultuar) a inteligência, as artes e o conhecimento presente nos livros” (CRESPO, 2000, p. 175).

Esse tipo de alusão é constatável, por exemplo, em dicionários escolares. Em um deles, de autoria de Bueno (1981, p. 317, grifo nosso), o termo cultura é apresentado como:

“[...] desenvolvimento intelectual; saber; [...] estudo; elegância; esmero; (Sociol.) sistema de atitudes e modos de agir, costumes e instruções de um povo. Conhecimento geral”.

Em um outro, uma das definições referentes ao termo cultura é, semelhantemente, a de “[...] atividade e desenvolvimento intelectuais de um indivíduo; saber, ilustração, instrução” (FERREIRA, 2004, p.587, grifo nosso).

Entendemos que tal alusão, tanto limita o significado de cultura como suscita defesas acirradas em torno da questão das múltiplas culturas, temática que emerge, atualmente, como um contraponto ao significado de cultura em destaque, isto é, o entendimento de cultura como atividade intelectual desenvolvida por alguns indivíduos, vistos socialmente como ilustrados, eruditos, de gostos e modos refinados.

Crespo (2000, p. 175), ao tratar do tema **Cultura e Ideologia**, nos alerta que o termo cultura abarca diversos significados e interpretações, não permitindo, desse modo, uma definição precisa e nem uma “[...] explicação que satisfaça a todos os autores dedicados ao seu estudo e à sua definição”.

Ainda que a autora afirme a existência de interpretações e significações variadas acerca do que seja cultura e, por isso, considera que não seja possível precisar sua definição, lançamo-nos, neste artigo, a alguns apontamentos acerca do que significa cultura sob uma perspectiva Histórico-Cultural.

Vale mencionar, antes disso, que a Teoria Histórico-Cultural, teoria na qual fundamentamos nossa investigação, é uma vertente da Psicologia constituída originalmente nas décadas iniciais do século XX. E, ainda, que os apontamentos por nós realizados têm como base especialmente as teorizações de Alexis N. Leontiev (1903-1979), um dos integrantes da chamada Escola de Vigotski, conforme Duarte (2001).

2 O que é cultura de uma perspectiva Histórico-Cultural?

De uma perspectiva Histórico-Cultural, cultura diz respeito às criações artificiais da humanidade. Trata-se do resultado da interferência humana na natureza, interferência que resulta em produção de algo artificial (não natural), seja na forma de objeto, de instrumento, seja na forma de idéia, de linguagem, de usos, modos de agir, de pensar, de sentir (LEONTIEV, 1978; VIGOTSKI, 1996).

Ao significar criações artificiais, a cultura diz respeito às objetivações da humanidade, as quais são imprescindíveis à nossa vida no contexto social e às quais temos que nos apropriar para que possamos nos objetivar, isto é, nos produzir como humanos e produzirmos, também, concomitantemente, o mundo social.

As objetivações produzidas pelo homem, segundo Leontiev (1978², p. 165), “[...] exprime sob uma forma exterior e objectiva, as aquisições do desenvolvimento das aptidões do género humano”, encarnando nos objetos, em suas múltiplas formas e dimensões, a atividade humana.

A esse respeito, Duarte (1993, p. 40-41) assinala que “a atividade humana, ao longo da história, vai construindo as objetivações, desde os objetos *stricto sensu*, bem como a linguagem e as relações entre os homens, até as formas mais elevadas de objetivações genéricas, como a arte, a filosofia e a ciência”. Essas objetivações (que significa cultura, já que são criações artificiais da humanidade) construídas no decorrer da história não são, contudo, herdadas geneticamente pelos indivíduos. Isto é, o homem não nasce dotado, de antemão, dos elementos da cultura.

Segundo Leontiev (1978, p. 282), as aquisições das gerações precedentes incorporam-se, não no homem, não em suas “[...] disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana”.

O mundo real, imediato, do homem, que mais do que tudo determina a sua vida, é um mundo transformado e criado pela actividade humana. Todavia, ele não é dado imediatamente ao indivíduo, enquanto mundo de objectos sociais, de objectos encarnando aptidões humanas formadas no decurso do desenvolvimento da prática socio-histórica; enquanto *tal*, apresenta-se a cada indivíduo como um problema a resolver (LEONTIEV, 1978, p. 166, grifo do autor).

Nesse sentido, a formação de características humanas em cada indivíduo, desenvolve-se

[...] não a título de aptidões inatas, não a título de adaptação do comportamento específico aos elementos variáveis do meio, mas é o produto da transmissão e da apropriação pelos indivíduos das aquisições do desenvolvimento socio-histórico e da experiência das gerações anteriores. Toda a progressão criadora ulterior do pensamento, que o

² A obra **O desenvolvimento do psiquismo**, publicada em 1978 pela Livros Horizonte, encontra-se grafada no português de Portugal, daí a diferença na escrita de algumas palavras.

homem faz, só é possível na base da assimilação desta experiência (LEONTIEV, 1978, p. 188-189).

Dito de outro modo, é preciso que todo e qualquer indivíduo se aproprie da experiência e aquisições da humanidade, já que, conforme mencionado acima, “[...] as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes” (LEONTIEV, 1978, p. 267).

Faz-se necessário, então, que todo e qualquer indivíduo se aproprie, no decorrer de sua vida, da atividade humana encarnada nos objetos e fenômenos sociais, ou melhor, encarnada na cultura humana.

O processo de apropriação realiza a necessidade principal e o princípio fundamental do desenvolvimento ontogênico humano – a reprodução nas aptidões e propriedades do indivíduo, das aptidões e propriedades historicamente formadas da espécie humana, inclusive a aptidão para compreender e utilizar a linguagem (LEONTIEV, 1978, p. 172).

Mesmo um pedaço de madeira que, à primeira vista, pode parecer mera natureza, se convertido pelos homens em um objeto, em um instrumento, sendo atribuído a ele determinado significado, determinado uso, ele torna-se, também, uma objetivação humana. Com isso, o pedaço de madeira passa a compor a realidade material humana, cabendo aos indivíduos, diante de tal objetivação, “[...] efectuar a seu respeito uma actividade prática ou cognitiva que responda de maneira adequada (o que não quer dizer forçosamente idêntica) à actividade humana que eles encarnam” (LEONTIEV, 1978, p. 166). E como isso?

Segundo Leontiev (1978, p. 265-266) cada nova geração “[...] apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de actividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo”.

3 O processo de apropriação-objetivação da cultura

Há nesse processo de objetivação e apropriação da cultura, uma questão fundamental que temos que considerar. Referimo-nos a “o quê” das objetivações das gerações anteriores, cada homem vai se apropriar ao longo de sua vida.

De acordo com Duarte (1993), a apropriação das objetivações da realidade humana depende das circunstâncias concretas de vida de cada indivíduo, circunstâncias determinadas pelas condições de classe nas quais se instauram as relações entre os homens.

Em uma sociedade de classes antagônicas, portanto com interesses antagônicos, a apropriação, “[...] a encarnação no desenvolvimento dos indivíduos dos resultados adquiridos pela humanidade na seqüência do desenvolvimento da sua actividade global, e a de todas as aptidões humanas, permanecem sempre unilaterais e parciais” (LEONTIEV, 1978, 173-174). Isso porque a apropriação das aquisições da humanidade, “[...] para a esmagadora maioria das pessoas, [...] só é possível dentro de limites miseráveis” (LEONTIEV, 1978, p. 283).

Leontiev (1978, p. 174, grifo do autor), explica que

[...] nas condições da sociedade de classes antagonistas, a maioria dos homens, que pertence às classes exploradas e aos povos oprimidos, é obrigada a efectuar quase exclusivamente os trabalhos físicos grosseiros, as dificuldades correlativas destes homens para desenvolver as suas aptidões intelectuais superiores não se explica pela <sua incapacidade para se adaptarem> às exigências superiores, mas pelo lugar que ocupam – independentemente da sua vontade – no sistema das relações sociais.

As condições da sociedade de classes determinam, segundo o autor, “[...] as possibilidades destes homens para assimilar a actividade humana, este facto determina, ao mesmo tempo, a sua possibilidade de <adaptação>, isto é, a possibilidade de desenvolver a sua natureza humana, as suas aptidões e propriedades humanas” (LEONTIEV, 1978, p. 174, grifo do autor). Determinam, também, por certo, a produção das objetivações (da cultura) no interior de cada classe.

Com isso fica evidenciado que as diferenças entre culturas existem não por conta da maior ou menor aptidão ou capacidade dos indivíduos para criar, mas devido às desigualdades que permeiam as relações humanas, as condições e modo de vida dos homens.

Segundo Leontiev (1978, p. 274), as “[...] enormes diferenças nas condições e modo de vida, da riqueza da actividade material e mental, do nível de desenvolvimento das formas e aptidões intelectuais”, não se devem às singularidades externas de cada indivíduo, isto é, a cor de sua pele ou ao formato dos olhos, por exemplo; deve-se, sim, à desigualdade entre os homens, que é “[...] produto da desigualdade económica, da desigualdade de classes e da

diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo socio-histórico”.

Ademais, Leontiev (1978, p. 279-280) destaca que a “[...] desigualdade das condições e das circunstâncias do progresso económico e social pode criar, em povos humanos estabelecidos em regiões diferentes do mundo, uma certa desigualdade de desenvolvimento”.

Há, segundo Leontiev (1978, p. 280), por conta das relações de dominação entre os homens, uma concentração e a alienação da cultura; esta última, a alienação, “[...] provocou uma ruptura entre, por um lado, as gigantescas possibilidades desenvolvidas pelo homem e, por outro, a pobreza e a estreiteza de desenvolvimento que, se bem que em graus diferentes, é a parte que cabe aos homens concretos”.

Leontiev (1978, p. 276-277) nos explica, ainda, que “a concentração e a estratificação da cultura não se produzem apenas no interior das nações ou dos países. A desigualdade de desenvolvimento cultural dos homens manifesta-se ainda mais cruamente à escala do mundo, da humanidade inteira”. Nesse sentido, a desigualdade de desenvolvimento produzida historicamente pelo coletivo dos homens (e não simplesmente ou naturalmente dada) “[...] serve o mais das vezes para justificar uma distinção entre os representantes das raças <superiores> e <inferiores>”. E completa:

Os países onde se fazem os maiores esforços nesse sentido são aqueles em que as classes dirigentes estão particularmente interessadas em dar uma justificação ideológica ao seu direito a submeter povos menos avançados no seu desenvolvimento económico e cultural. (LEONTIEV, 1978, p. 277).

A clareza do autor é, por certo, provocativa para pensarmos as diferenças entre os povos, de um modo geral, e entre os grupos humanos, de forma específica, temática tão em voga em nossa época.

4 Considerações finais

Ao levarmos em conta a desigualdade que se faz presente no processo de apropriação e objetivação das criações artificiais, isto é, da cultura, conforme nos explica

Leontiev (1978), entendemos que a desigualdade de condições para a apropriação-objetivação da cultura humana não sinonimiza mera diferença, diversidade cultural. Isto porque somos regidos por uma lógica social que legitima, permite, propicia a apropriação privada da cultura, da qual decorre a desigualdade entre as pessoas, desigualdade esta que está cada vez mais naturalizada.

Privados do acesso às aquisições do coletivo dos homens, milhões de seres humanos têm seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, criativo, enfim, sua humanidade, cerceada dentro de limites miseráveis. Milhões de crianças, jovens, adultos e idosos estão fadados, assim, de apropriarem-se “[...] de um mínimo desses resultados da atividade social, exigido pela sua vida no contexto social do qual faz parte” (DUARTE, 1993, p. 41), exigido em suas vidas cotidianas.

Mínimo, obviamente, não significa a possibilidade de apropriação do máximo, do mais avançado, logo, aquilo que aparentemente é diferença entre culturas escamoteia a desigualdade de acesso e apropriação do desenvolvimento cultural do gênero humano.

Consideramos, ante o exposto, que as diferenças na objetivação, ou melhor, na expressão singular e particular da cultura nos espaços e lugares, decorrem da apropriação privada da cultura universal humana. E, ainda, que a depender do lugar que cada um ocupa no interior das relações sociais, relações estas pautadas em antagonismos profundos, a apropriação [privada] da cultura e a sua expressão será profundamente distinta, ou melhor, desigual.

5 Referências

BUENO, F. da S. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.

CHAUÍ, M. A cultura. In:_____. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005. p. 242-251.

CRESPO, R. A. Cultura e ideologia. In: TOMAZI, N. D. [et al.]. **Iniciação à Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atual, 2000. p.173-220.

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a Escola de Vigotski**. Campinas, SP: Autores Associados, 12001.

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935
Educação, Cultura, Linguagem e Arte
www.unioeste.br/travessias

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.